

VALORES CATÓLICOS E PROFISSÃO DOCENTE: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES EM TORNO DO MAGISTÉRIO E DO “SER PROFESSORA” (1930/1950)

Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi - UERJ
Carla Villanova Neves – UERJ/UNIGRANRIO

Eixo temático 2 – História da profissão docente e das instituições escolares

. Imagens de magistério: entre saberes, valores e sentimento

No contexto dos debates educacionais em curso na sociedade brasileira na década de 1930, sabe-se que o tema da profissionalização de educadores ocupou um lugar de destaque. Sabe-se, em especial, que, para os educadores vinculados ao movimento da chamada “Escola Nova”, a questão da formação de professores, relacionada, por sua vez, à da cientificização das práticas educativas, era compreendida como um caminho essencial na modernização da escola e da sociedade. Segundo esses educadores, cabia ao professor, de forma central, a tarefa de forjar, através da mudança de suas práticas cotidianas e, em especial, na relação estabelecida com o aluno, a reforma mais ampla pretendida. Cecília Meireles refletia, através de uma de suas crônicas, sobre a relevância da tarefa do professor:

“A escola moderna depende, mais que de leis, mais do que do aluno, mais que da própria família deste, de um elemento capaz de modificar todos esses pela sua visão geral da vida, pela sua disposição de constante devotamento a um ideal, ainda sabendo-o de realização tardia, sentindo-o cumprir-se muito depois da sua ansiedade e do seu labor. A escola moderna depende, antes de tudo, do mestre.” (MEIRELES, 1930)

São bastante conhecidas, no âmbito da “Escola Nova”, as estratégias diversas encaminhadas com a finalidade de formar educadores.¹ No âmbito do movimento católico, ações desse tipo, voltadas para a profissionalização docente, são menos conhecidas. No entanto, já tem sido sublinhada, em estudos diversos, a importância do papel exercido pelas escolas confessionais católicas na formação de professoras. Uma outra questão que vem sendo estudada diz respeito, ainda, à presença expressiva de intelectuais católicos como autores de manuais destinados à formação de professores, muitos dos quais adotados em Escolas normais brasileiras ao longo de várias décadas.²

¹ Entre estas, merece destaque a experiência de formação de professores em nível superior na Escola de Professores, instituída por Anísio Teixeira, no Distrito Federal, nos anos 1930. Cf. MENDONÇA, 2002 e LOPES, 2003. Também estratégias editoriais diversas têm sido ressaltadas em estudos recentes. Cf., por exemplo, CARVALHO, 1998.

² Cf. SILVA, 2003.

Para o bom desempenho da tarefa educativa, vista como crucial na disseminação do ideal cristão, as lideranças católicas do campo educacional entendiam a qualificação do professor como um elemento fundamental, o que justificava o encaminhamento de ações diversas destinadas a disponibilizar os saberes considerados necessários à formação para o magistério. E, para além da preparação formal em cursos especializados, com o recurso a leituras pertinentes ao currículo destes, entendia-se que a qualificação do professor – também compreendida em uma perspectiva de atualização constante - deveria ser buscada ainda de outras formas, como, por exemplo, com o auxílio da imprensa e com o estímulo à leitura de revistas e outras obras especializadas.

Uma das revistas destinadas a professores católicos, que assumiu grande expressão no cenário educacional da década de 1930, foi a *Revista Brasileira de Pedagogia*, publicação oficial da Confederação Católica Brasileira de Educação, que circulou entre 1934 e 1938.³ Incluía muitas seções voltadas para temáticas pedagógicas, cujo tratamento apoiava-se em diversos campos de saber que se afirmavam crescentemente então, em um tempo em que o próprio campo educacional também se constituía. Seções como “Filosofia e Psicologia Educacionais”, “Sociologia Educacional”, eram publicadas nas páginas da revista, que também trazia, constantemente, indicações diversas de leitura úteis para educadores.

Um aspecto importante a destacar é que, no cenário focalizado, as idéias educacionais escolanovistas ocupavam um lugar de expressão significativa, indicando o valor conferido à cientificização dos saberes pedagógicos e das práticas educativas. Se os educadores católicos confrontavam-se com os partidários daquelas idéias em vários aspectos, como o da defesa da escola laica e da co-educação, observa-se que incorporavam outras delas, em especial, aquelas relativas diretamente à prática pedagógica, ao “como ensinar”, aspecto considerado valioso na formação de um educador, pela aplicabilidade e eficácia das proposições escolanovistas, que já vinham sendo testadas com sucesso naquele cenário.⁴

Em um discurso realizado em 1936, como paraninfo da turma de professoras da Escola Normal de Campos e publicado na revista católica *A Ordem*, do Centro D. Vital, Theobaldo Miranda Santos, apresenta sua visão sobre o tema, ao se dirigir às formandas:

³ As autoras contaram, na pesquisa documental sobre os periódicos católicos *Revista Brasileira de Pedagogia* e *A Ordem*, com a participação da Bolsista PIBIC CNPq/UERJ, Luciandra Gonçalves da Silva (CNPq/UERJ).

⁴ Na seção publicada na *Revista Brasileira de Pedagogia* e intitulada “Debates sobre a Escola Nova”, observa-se esse movimento de diálogo com as idéias renovadoras.

“Não penseis que a pedagogia cristã despreza as conquistas científicas da educação renovada. Pelo contrário, ela acompanha com interesse e carinho a evolução dos métodos pedagógicos modernos, fazendo ela própria pesquisas sistemáticas em torno da psicologia infantil e das novas técnicas de aprendizagem. Mas ao invés de fazer desses métodos científicos o meio e o fim da educação, como o fazem, por exemplo, um Decroly ou um Dewey, ela subordina esses métodos às suas finalidades, aos seus ideais que transcendem ao efêmero, ao aparente, ao acidental da existência terrena.” (mai/jun1937)

Por meio de discursos como esse, bem como de ações voltadas para a formação de professores no âmbito do movimento católico, eram disseminadas representações sobre a atividade docente, que se mostravam em um sentido de concorrência em relação às concepções de magistério e de educação compartilhada e divulgada pelos “escolanovistas”⁵. Na visão de lideranças católicas, os saberes científicos somente comporiam um elemento valioso na formação do professor, se assimilados em sintonia com os valores cristãos, a espiritualidade, a dimensão metafísica. Contra um sentido de “materialismo” excessivo observado na concepção dos educadores renovadores, os católicos apresentavam sua visão de magistério – apoiada, por sua vez, na própria concepção de “educação integral”, sobre a qual duelavam com os “escolanovistas”, - integrando ciência e fé, razão e espiritualidade.

Desse ponto de vista, emerge a representação do magistério, dotada de dupla dimensão: a de competência científica, identificada ao exercício de uma função especializada, que demandava uma formação consistente, mas também a de missão, de sacerdócio, a ser exercido com base em atributos imateriais e definida a partir da eleição divina, tal como se pode observar no seguinte trecho de uma conferência proferida por Padre Leonel Franca, importante liderança da Igreja na época, dirigida a alunas do Colégio Sacré-Couer: “Em cada geração Deus escolhe algumas almas privilegiadas, para depositárias e transmissoras do ideal cristão. São as almas de quem recebeu como vós a missão nobilíssima de educar.” (1954, p.271).

Refletindo sobre as imagens que emergem dos discursos de educadores católicos, no período dos debates dos anos 1930, é interessante observar a referência a expressões genéricas – com o recurso ao gênero masculino - como “professor”, “educador”, “mestre”, apesar de o magistério, ao menos em seu nível primário, ser exercido na época

⁵ Cf. análise de Roger Chartier sobre “lutas de representação”. CHARTIER, 1990, Introdução. Ainda que seja importante mencionar os aspectos de confronto estabelecidos entre ambos os grupos no debate intelectual, não se deve deixar de ressaltar as interfaces, as aproximações diversas estabelecidas entre ambos, que já vêm sendo objeto de estudo de vários pesquisadores. Cf., a respeito, CARVALHO, 1994, SGARBI, 1997 e MAGALDI, 2001.

de forma amplamente majoritária, por mulheres. Com o auxílio desse tipo de representação, os discursos analisados, sempre indicando o sentido de modelo, de exemplo, que deveria estar presente na figura do educador, pareciam sugerir a compreensão do exercício da função educativa a partir do modelo maior de Jesus, guia supremo.

Também o uso genérico do termo “professor”, ou equivalente, deve ainda nos fazer lembrar que não apenas o magistério primário seria objeto da atenção do movimento católico. É bastante conhecida a atuação da Igreja Católica na promoção, nesta época, do ensino secundário⁶, o que deve ser compreendido no quadro de suas preocupações com a “formação das elites”, vistas como condutoras dos rumos do país, o que se apresentava como fundamental para o projeto católico, em que a questão educativa articulava-se estreitamente com a organização da própria sociedade. E nesse nível de ensino, assim como no ensino superior, a presença masculina mostrava-se indiscutivelmente predominante. Na visão da intelectualidade católica, não importava, portanto, o nível de ensino em que fosse atuar, pois a missão do professor deveria ser a mesma, ressaltada por Padre Leonel Franca: “Ora não sei se haverá outra profissão que ofereça como a do educador em nossos dias um campo tão vasto de apostolado social.” (1954, p.194)

Uma outra representação, que convivia com as imagens de mestre referidas ao exercício de uma função especializada e apoiada nos saberes científicos, pode ser destacada, ao refletirmos sobre a visão, compartilhada pelos católicos, acerca das relações estabelecidas entre a escola – e os educadores profissionais – e a família. A partir das palavras de Padre Leonel Franca, pode-se ter noção desta concepção católica sobre o professor: “O professor, público ou particular, é, por função um delegado e representante da autoridade paterna. Não lhe assistem direitos contra os direitos das famílias.” (1953, p. 45). Se os “escolanovistas” defendiam, a esse respeito, a colaboração entre escola e família, colocavam um acento indiscutível na função educativa e na autoridade da primeira instituição, que deveria, inclusive, contribuir para a modelação da segunda. Tal percepção apoiava-se na crença inabalável, no que se refere à educação, no poder da razão e do saber especializado. Já no caso dos católicos, observa-se que a

⁶ Também é digno de nota o envolvimento da Igreja Católica com o ensino superior, o que conduz, inclusive ao projeto de criação de uma Universidade Católica, efetivada em 1941.

ênfase na preeminência da missão educativa dos pais, compreendida como de ordem natural, constituída por Deus⁷, apresentava-se de modo inequívoco.

Pode-se perceber, a partir disso, que essa dimensão familiar atribuída à educação contribuía para a produção e veiculação de uma outra representação de magistério – presente, de forma semelhante, em discursos produzidos por setores diversos da sociedade da época - ⁸, que identificava esta função à condição feminina e, mais particularmente, ao papel materno. Everardo Backheuser, em artigo publicado na *Revista Brasileira de Pedagogia*, originalmente um discurso de paraninfo, assim se dirige às formandas: “Vós, queridas afilhadas, (...) sereis professoras. Tendes, com isto, de desenvolver vossa atuação pedagógica em uma atmosfera verdadeiramente maternal.” (maio 1934, p.204). Alceu Amoroso Lima, outra liderança católica destacada na época, apresentava seu ponto de vista em uma direção semelhante:

“Na obra educativa, mais que em qualquer outra, só o amor é fecundo e criador. Por isso há tanta afinidade entre a maternidade e a educação. As mulheres são professoras natas, em geral, porque têm por natureza a vocação da maternidade. Essa vocação é a mais bela possível, porque é uma colaboração direta na própria obra de Deus. Como a do artista. Não é pois a ciência, mas o amor que constitui a qualidade central de uma verdadeira mestra. Saber é fácil. Amar é difícil. Não estou condenando o saber à custa do amor. Apenas, dizendo que um sem o outro, na tarefa educativa, é o mesmo que suprimir, num pássaro, uma das asas.” (1944, p.296)

Se, até aqui, nos ocupamos da veiculação de mensagens sobre o magistério em publicações católicas diversas, passaremos, em seguida, a refletir sobre os efeitos produzidos por essa operação na sociedade, focalizando, neste caso, uma instituição destinada à formação de professores, o Instituto de Educação do Rio de Janeiro, nos anos 1940/50. Estaremos, deste modo, a partir da análise de revistas produzidas pelas alunas da instituição, procurando perceber a incorporação de valores católicos naquele ambiente. Foram utilizadas na pesquisa a Revista *Instituto*, que tem sua primeira e única edição publicada em 1941, e a Revista *Normalista*, em suas edições publicadas entre 1948 e 1953.

⁷ Esta compreensão apoiava-se em textos canônicos da Igreja, como a encíclica *Divini Illius Magistri* (Sobre a educação cristã), publicada em 1929, pelo Papa Pio XI.

⁸ Cf. LOURO, 1997a.

. Folheando as revistas *Instituto e Normalista*

Nas páginas de *Instituto*, cuja única edição é de 1941, momento em que vigorava o regime autoritário do Estado Novo, observa-se presente o discurso cívico-militar, propagando idéias de ordem e disciplina, fortemente associadas a imagens religiosas. Não se deve esquecer que, naquele tempo, em que a Igreja Católica encontrava-se muito próxima do regime varguista e em que valores cívicos e religiosos, muito interpenetrados, eram estimulados por meio de estratégias diversas, não seria surpreendente observar a presença do ideário católico em uma instituição pública de formação de professores. No entanto, é digno de nota que esta presença tenha tido permanência expressiva na instituição, sendo observada nas publicações dos anos 1940/50.

É no entrelaçamento dos discursos constitutivos das representações relativas à atividade docente, que podemos perceber a predominância das recomendações e prescrições de orientação católica, direcionadas à formação da normalista conforme identificamos em vários dos artigos analisados. Cabe destacar a seção denominada “CHRISTO REGNATI”, que integra a primeira edição da revista *Normalista* (1948). Tal seção era composta por quatro colunas, assim denominadas, *Apresentação*, *No poço de Jacó*, *Tribuna Missionária*, *Se você for chamada a constituir um santo lar*.

O teor dos temas abordados pretende ressaltar, fundamentalmente, a importância da atividade docente, associando a idéia de valorização profissional ao sentido missionário, tradicionalmente atribuído ao magistério, conforme se observa no artigo de apresentação:

Colegas!

Poderíamos intitular esta seção “Instituto de Educação Missionário” Mas... Vs. não acham que seria um pleonasmo? Em se tratando de educação há tanto por fazer entre nós que todo aquele que se dedicar a esse nobre, mas, espinhoso labor deve ser ou se não é, se tornar um missionário!

Não são apenas os selvagens que necessitam de nosso apostolado; não, são muitos e muitos civilizados que ignoram a Verdade...

A nós, futuras professoras, caberá a missão sublime de levar às crianças, aos futuros grandes homens da Pátria, as noções primeiras da Vida. (1948,p.33)

Segundo se pode perceber, forjava-se uma representação da educadora identificada como portadora de uma aura sagrada e imbuída da nobre e árdua *missão* de educar os futuros cidadãos. O sentido de *missão* atribuído à docência, cujo foco é o magistério das séries iniciais, identifica-se à condição feminina, o que confere à

profissão uma marca familiar, que se expressa na figura da mãe, caracterizada como a primeira educadora.

Ocorre que a família, segundo os preceitos da educação moderna e consoante com os pressupostos defendidos pela Igreja, também precisa ser educada, com o fim de serem evitados os vícios e os desregramentos daqueles que não puderam ser adequadamente orientados. No artigo “*Vida Escolar*” (1948,p.35), D. Jaime de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro e professor de metodologia do ensino do catecismo do Instituto e colaborador de *Normalista*, critica a convivência, freqüentemente observada, das escolas, em relação a famílias mal estruturadas e à ação nociva por elas desempenhadas junto aos filhos, indagando: “Se ainda acresce a displicência de mestres e inspetores disciplinantes ... que se poderá esperar da mocidade assim formada, ou deformada, inconsciente, leviana, dissoluta?”

Os ideais educativos ancorados na moral religiosa, presentes em muitos dos textos, nos fazem relativizar o próprio entendimento sobre o que viria a ser uma instituição pública de formação de professoras que, embora situada fora da esfera confessional, coadunava-se com os preceitos de orientação católica, inclusive pelo fato de atuarem, naquele espaço escolar, professores clérigos, como o próprio D.Jaime. É ele quem sublinha a dimensão formativa dos textos sagrados:

Toda a Escritura, divinamente inspirada, é útil para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir na justiça. É a sabedoria divina a ilustrar nossas mentes, dirigindo-as para o bem. Realmente, o futuro de nossa pátria, e a felicidade de nosso futuro, está dependente, em grande parte, da orientação que a mocidade receber neste momento. Eis porque inimigos da Igreja e da Pátria porfiam em ganhar a juventude de hoje.
Não faltam nas Sagradas escrituras sentenças como esta:... “educai-os em disciplina e correção do Senhor” (Id., p.36)

Na seção analisada, também são abordados temas que contemplam a formação moral e espiritual da professora, buscando-se, deste modo, incentivar as jovens a cultivar as qualidades necessárias para a promoção da sua vida profissional, em uma perspectiva cristã. O trecho abaixo, extraído do artigo intitulado “No poço de Jacó”, demonstra a angústia pressentida pela futura educadora com relação a sua formação acadêmica, espiritual e moral e com relação a possíveis reflexos conseqüentes da mesma:

Nós, futuras professoras, temos grande responsabilidade, a nós educadoras serão entregues as almas inocentes que constituem a Pátria de amanhã...Se não cuidarmos de nossa formação, lógico não poderemos dar a nossos alunos o que não possuímos. Poderemos criar uma civilização, nunca uma cultura e, talvez, triste ironia! A civilização que com tanto trabalho construirmos se revolte e se destrua a si mesma por ser uma civilização sem Deus.

Em nosso Instituto há todos os meios para que nos tornemos mestres não só “de direito”, mas “de fato”. Não omitamos nenhum e só assim na hora de nossa morte poderemos repousar em paz e não teremos que fazer nossas as palavras de uma professora em agonia: “Padre fui apenas semeadora de sementes falhas!” (1948,p.34)

Em artigo intitulado “*Se você for chamada a constituir um santo lar*”, observamos as prescrições de forte teor moral-religioso sendo direcionadas às alunas, também representadas como futuras esposas, reforçando, assim, a interpenetração entre a formação profissional e a formação para o lar:

A preocupação é corrigir e evitar tudo o que torne difícil à vida em comum. E aperfeiçoar-se moralmente, preparando-se para tornar amena a própria convivência e suportar a alheia. (...) Não se pense que são pequenas coisas, fáceis de suportar. Não; todo sacrifício a ser feito diário e prolongado requer uma têtora moral muito sólida. Quem se prepara para a vida matrimonial deve dispor-se a suportar tudo com paciência e não dar ensejo a sacrifício. Quem quiser uma vida feliz no lar deve cuidar-se de vencer-se e dominar-se. As tendências inferiores têm que ser superadas. Nisto consiste a educação. Vamos dizer tudo numa palavra cristã: Aprendam a humildade, fonte de todos estes bens. (*Normalista*,1948,p.36)

No caso do artigo citado, as prescrições apresentadas apoiavam-se em citações do livro intitulado *Noivos e esposos cristãos*, do Padre Álvaro Negromonte, figura destacada no cenário educacional da época, circunstância que nos possibilitou identificar a circulação de impressos de orientação católica explícita dentro do Instituto. Em um outro número da publicação, um artigo de uma aluna sublinhava a aproximação entre as funções educativas da mulher nos dois ambientes que lhe eram afeitos:

“Devemos lembrar, sempre, que não seremos somente mestras, e, sim, como compete à nossa condição de mulher, mães moralmente. Que importam a idade e a pouca experiência? Que não tenhamos um filho? Nada. O instinto materno, que jaz adormecido no íntimo de nosso ser, irá manifestar-se na escola, em toda a sua plenitude e sublimidade.” (Id.,1952)

A partir da análise das publicações editadas pelas alunas do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em que se faziam ouvir suas vozes e a de outros sujeitos, como seus mestres, pode-se perceber que valores católicos tiveram lugar em suas páginas, em meio ao tratamento de temas diversos referidos à qualificação profissional das futuras professoras⁹, apresentados ao lado de outros, como os relativos à sociabilidade das

⁹ A preocupação com o tema da instrumentalização das alunas para o exercício competente do magistério, e com a incorporação de tendências pedagógicas renovadoras, também aparece representada nas páginas das revistas. Num artigo mencionando a inauguração de um laboratório de matemática na instituição, observa-se a nota elogiosa: “E assim a matemática, graças à tendência renovadora dos processos de ensino,

normalistas. E, ainda que se deva considerar que tais revistas não expressavam um pensamento independente das alunas, por se vincularem fortemente a instâncias de poder da instituição, pode-se observar, por outro lado, a presença de um grau significativo de compartilhamento, entre as futuras professoras, de uma dimensão religiosa, de um sentido de missão, articulado, por sua vez, à condição feminina, como um aspecto crucial na construção de sua identidade profissional.

Fontes documentais:

- . BACKHEUSER, Everardo. “A vida de ontem e a vida de hoje”. *Revista Brasileira de Pedagogia*. Rio de Janeiro. Confederação Católica Brasileira de Educação. Ano I. n.4, maio/1934.
- . FRANCA, Leonel. “Ensino religioso e ensino leigo” In *Polêmicas*. Rio de Janeiro: Agir, 1953.
- . _____. *Formação da personalidade*. Rio de Janeiro: Agir, 1954.
- . LIMA, Alceu Amoroso. *Humanismo pedagógico*. Rio de Janeiro: Stella Ed., 1944.
- . MEIRELES, Cecília. “Professoras de amanhã”. *Diário de Notícias, Página de Educação*, Rio de Janeiro, 8/7/1930.
- . SANTOS, Theobaldo Miranda. “Pela educação cristã”. *A Ordem*. Rio de Janeiro: Centro D. Vital, maio/junho 1937.
- . *Instituto*. Rio de Janeiro: Instituto de Educação do Rio de Janeiro Ano 1, n. 1, outubro-dezembro de 1941
- . *Normalista*. Rio de Janeiro: Instituto de Educação do Rio de Janeiro. (n.1 a 6) - setembro/1948 a agosto/1953.
- . *Revista Brasileira de Pedagogia*
- . *A Ordem*. Centro D.Vital. Rio de Janeiro
- . *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. – Página de Educação -

começa a abandonar o método de leitura e lição, de questão e resposta, aderindo ao método de laboratório, onde se aprende fazendo (...)” Cf. *Normalista*, 1953.

Referências Bibliográficas

- . CARVALHO, Marta Chagas de. “Uso do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia (1931-1935)” *Cadernos ANPED*. Belo Horizonte, n. 7, 1994.
- . _____. A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (org.) *Modos de ler formas de escrever: estudos de história da leitura no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- . _____. *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- . CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- . CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- . _____. *A beira da falésia: a história: entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2002.
- . HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6ª.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- . LOPES, Sonia Maria de Castro Nogueira. *A oficina de mestres do Distrito Federal: História, Memória e Silêncio sobre a Escola de Professores do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932-1939)*. Tese (doutorado) Rio de Janeiro: PUC, Deptº de Educação, 2003.
- . LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- . _____. Mulheres da sala de aula In: PRIORE, Mary del (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997a.
- . MAGALDI, Ana Maria B. M. *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Tese de doutoramento. Programa de Pós-Graduação em História. Niterói: UFF, 2001.
- . MARTINS, Ângela Maria Souza. *Dos anos dourados aos anos de zinco: Análise histórico cultural da formação do educador no Instituto de Educação do Rio de Janeiro*. Tese (doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- . MENDONÇA, Ana Waleska. *Anísio Teixeira e a universidade da educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- . SGARBI, Antônio D. *Igreja, educação e modernidade na década de 30. Escolanovismo católico: Construído na CCBE, divulgado pela Revista brasileira de pedagogia*. Dissertação de mestrado, São Paulo: Faculdade de Educação - PUC/SP, 1997.
- . SILVA, Vivian Batista da. *Leituras para professores: apropriação e construção de saberes nos manuais pedagógicos brasileiros escritos pelos “católicos” (1870-1971)*. *Cadernos de História da Educação*. n.2. Uberlândia: EdUFU, 2003.
- . VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: Livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: EdUSF, 2001.